



A TEMPORALIDADE EM ANÁLISE

CONSIDERAÇÕES SOBRE O NACHTRÄGLICH E O APRÈS-COUP

Arthur Kelles Andrade

TEMPORALITY IN PSYCHOANALYSIS: Considerations on nachträglich and après-coup

LA TEMPORALIDAD EN EL ANÁLISIS: Consideraciones sobre nachträglich y après-coup

RESUMO

A noção de retroação, ainda que não tenha recebido um texto específico dentro da obra psicanalítica, é de grande importância e aplicabilidade clínica para a psicanálise. Neste trabalho, buscou-se primeiramente apresentar a evolução do conceito dentro dos escritos freudianos, desde Estudos sobre a Histeria (1893-95) até Construções na Análise (1937). Após isso, foram realizadas considerações sobre a visão de Lacan sobre o assunto, que considera tanto a dimensão da ressignificação do passado quanto o efeito de corte. A noção de retroação mostra clinicamente que não somente o passado tem efeito no presente, mas também o contrário sucede, constituindo-se assim duas linhas temporais distintas: a do passado que vai em direção ao futuro, e a do futuro que presentifica o passado. Por fim, foi apresentado um fragmento clínico de um caso atendido que envolve o tema da retroação em análise dentro de um contexto de terminalidade em ambiente hospitalar.

Palavras-chave: Psicanálise; Tempo; Retroação.

ABSTRACT

The notion of retroaction, although it has not received a specific text within psychoanalytic work, is of great importance and clinical applicability for psychoanalysis. In this work, we first sought to present the evolution of the concept within Freudian writings, from Studies on Hysteria (1893-95) to Constructions in Analysis (1937). After that, considerations were made about Lacan's view on the subject, which considers both the dimension of the resignification of the past and the effect of cutting. The notion of retroaction shows clinically that not only does the past have an effect on the present, but also the opposite occurs, thus constituting two distinct timelines: that of the past that goes towards the future, and that of the future that makes the past present. Finally, a clinical fragment of a case treated that involves the theme of retroaction under analysis within a context of terminality in a hospital environment will be presented.

Key words: Psychoanalysis; Time; Retroaction.

RESUMEN

La noción de retroacción, si bien no ha recibido un texto específico en el psicoanálisis, es de gran importancia y aplicabilidad clínica. En este trabajo, primero buscamos presentar la evolución del concepto en los escritos freudianos, desde Estudios sobre la Histeria (1893-95) hasta Construcciones en Análisis (1937). Posteriormente, se reflexionó sobre la perspectiva de

Lacan sobre el tema, que considera tanto la dimensión de la resignificación del pasado como el efecto del corte. La noción de retroacción muestra clínicamente que no solo el pasado tiene un efecto sobre el presente, sino que también ocurre lo contrario, constituyendo así dos líneas temporales distintas: la del pasado que se dirige hacia el futuro y la del futuro que hace presente al pasado. Finalmente, se presentará un fragmento clínico de un caso tratado que aborda el tema de la retroacción en el análisis en un contexto de terminalidad en un entorno hospitalario.

Palabras clave: Psicoanálisis; Tiempo; Retroacción.

Introdução

Este trabalho busca discorrer sobre um aspecto temporal que muito interessa à psicanálise: a retroação. Foi um tema que, ainda que nem sempre tendo um destaque efetivo no campo psicanalítico, está presente por toda sua extensão, sendo abordado através de diversas nomeações, como *nachträglich* e *a posteriori* nas discussões freudianas e *après-coup* por Lacan. A noção de retroação evidencia que na história do sujeito, não somente o passado tem efeito no presente, mas também o contrário sucede, constituindo-se assim duas linhas temporais distintas: a do passado que vai em direção ao futuro, e a do futuro que presentifica o passado.

Para apresentar este tema, inicialmente neste trabalho será feito um breve percurso sobre o tópico em Freud, recorrendo a textos primordiais para o desenvolvimento do conceito, como Estudos sobre a Histeria (FREUD, 2016), Projeto para uma psicologia científica (FREUD, 1990), as Cartas 52 e 69 (FREUD, 1996a, 1996b) escritas a Fliess respectivamente em 1896 e 1897, o caso do Homem dos Lobos descrito em História de uma Neurose Infantil (FREUD, 2010), até o final de sua obra, em Construções na Análise (FREUD, 2018). Buscamos apontar a progressão do uso do conceito, que inicialmente é voltado à teoria do trauma, mas se expande ao processo de formação dos mecanismos inconscientes e na prática clínica do analista.

Após essa incursão, abordaremos a função do *après-coup* na obra lacaniana, noção que resgata importantes aspectos da operação de retroação, isto é, não somente o efeito de resignificação, mas também o efeito do corte (*coup*) que advém do acontecimento traumático (ANDRÉ, 2008). Por fim, apresentaremos o fragmento de um caso clínico que envolve a questão. É o caso de N., uma mulher de 91 anos que, diante da iminência da morte em um ambiente hospitalar, se vê às voltas com um evento de seu passado, e busca resignificá-lo no campo da transferência.

Construções retroativas: o *nachträglich* freudiano

Freud não sistematizou uma teoria do tempo, mas contribuiu decisivamente para o tema com o conceito de *nachträglich* (*a posteriori*), termo recorrente em sua obra. Embora não o tenha definido formalmente, empregou-o para descrever a lógica da temporalidade psíquica, especialmente na formação dos sintomas neuróticos (GONDAR, 1995a). Laplanche e Pontalis (2004) identificam três principais usos desse conceito: a constituição do trauma em dois tempos, a ressignificação via maturação psíquica e o desenvolvimento da sexualidade que reabre sentidos anteriores.

Freud trata do termo *nachträglich* pela primeira vez nos Estudos sobre a Histeria (FREUD, 2016), no caso de Elisabeth von R., em 1893. Na tradução em português realizada pela Companhia das Letras, tem-se a expressão traduzida por “ab-reação posterior” (FREUD, 2016, p. 236). Neste caso, Freud busca articular a predisposição para a histeria em momentos que aparentemente não existiriam motivos para seu surgimento.

Aqui, tratamos de alguém que exerceu o ofício de cuidadora de enfermos graves. Aproximadamente 125 anos depois da publicação do texto, ainda vemos situações em que pessoas dedicam suas vidas a cuidar de outras por um longo tempo. Freud (2016) aponta efeitos que os cuidadores podem sentir, como negligência do cuidado de seu próprio corpo e sono interrompido. Contudo, o principal efeito descrito é reprimir suas próprias emoções em detrimento do cuidado do paciente.

Elisabeth von R., uma jovem de 24 anos, desenvolve dores nas pernas e dificuldade para andar cerca de dois anos após a morte do pai, a quem havia cuidado por um longo período. Após o falecimento dele, Elisabeth ainda acompanha a recuperação da mãe e, em seguida, enfrenta o luto pela morte da irmã. Freud identifica nessa paciente o que chama de “histeria de retenção”: afetos intensos, vividos durante os períodos de cuidado, foram reprimidos para que ela pudesse sustentar a função de cuidadora. Quando essa função termina, os afetos recalçados retornam como sintomas corporais (FREUD, 2016).

Entre esses afetos estava um forte sentimento por um jovem rapaz, cuja presença despertava desejos que Elisabeth silenciava por culpa e obrigação familiar. Um episódio em que ela se atrasa com ele e retorna para casa ao encontrar o pai em pior estado intensifica esse sentimento de culpa. Freud percebe que o sintoma não é efeito direto de um trauma pontual, mas da retroação: experiências afetivas recalçadas só se manifestam clinicamente em um segundo tempo, quando podem ser ligadas a novos significados. Como ele resume, “o histérico sofre sobretudo de reminiscências” (FREUD, 2016).

Na famosa Carta 52 (FREUD, 1996a), escrita a Fliess em 6 de dezembro de 1896, Freud apresenta uma formalização do conceito de *nachträglich*, descrevendo como inscrições mnêmicas inconscientes, inicialmente sem significação, podem adquirir valor traumático em um tempo posterior. Esse rearranjo da memória ocorre em função do desenvolvimento psíquico e de novas experiências vividas.

Freud propõe que o aparelho psíquico funciona por estratificação, com os traços mnêmicos sendo reescritos ao longo do tempo conforme novas circunstâncias, o que implica que a memória se forma em múltiplos momentos e registros. O reordenamento psíquico ocorre em diferentes fases, e cada nova fase reinscreve os conteúdos anteriores. Quando essa reinscrição falha, ocorre o recalque, ativando mecanismos de defesa patológicos.

Ainda na carta, no contexto da teoria da sedução, Freud afirma que a histeria tem origem na perversão do sedutor, e sugere uma alternância geracional entre perversão e histeria, sendo possível que o perverso se torne histérico. Assim, “a histeria não seria a sexualidade repudiada, mas a perversão repudiada” (FREUD, 1996a, p. 213).

Portanto, a noção de *nachträglich* foi inicialmente formulada na abordagem freudiana do trauma, influenciada pelos estudos de Charcot. Freud argumentava que o trauma envolvia experiências infantis de caráter sexual, que só mais tarde, durante ou após a puberdade, adquiriam sentido traumático por associação retroativa com um novo evento. Assim, o trauma se constitui em dois tempos, não de forma linear, mas pela atualização de uma lembrança que não pôde ser codificada no momento em que ocorreu (GONDAR, 1995a).

O caso Emma, apresentado por Freud no Projeto para uma psicologia científica (1990), ilustra de forma exemplar a lógica do *nachträglich*, ou ação retrospectiva. Emma era uma jovem que sofria de uma inibição: não conseguia entrar sozinha em lojas. Inicialmente, lembrava de um episódio aos doze anos, em que dois vendedores riram dela em uma loja, o que lhe causou um susto. No entanto, Freud percebe que esse evento isolado não explicava o sintoma. Mais tarde, surge uma lembrança anterior: aos oito anos, Emma foi assediada por um confeitiro. Apesar disso, retornou ao local, o que, ao ser rememorado anos depois, causou-lhe forte recriminação. O elo entre as duas cenas — o riso dos homens — funciona como traço associativo que reativa o afeto na segunda cena, agora compreendida à luz da puberdade.

A partir da segunda cena, Emma ressignifica a primeira, que adquire retroativamente um valor traumático. Freud mostra que o trauma não está apenas no evento inicial, mas na posterior atribuição de sentido, viabilizada pelo desenvolvimento psíquico. A

cena de abuso, inicialmente não compreendida como tal pela criança, passa a ter caráter sexual somente mais tarde. Esse caso é central para a teoria da sedução, segundo a qual o recalque típico da histeria resulta da combinação de duas cenas: uma primeira de natureza sexual, vivida precocemente e sem compreensão, e uma segunda que, ao liberar o afeto recalcado, reinscreve o sentido da anterior. Deste modo, após o advento da puberdade, a partir de uma segunda cena, a primeira agora é remodelada e torna-se traumática. Cabe apontar que na Carta 52 (FREUD, 1996a) Freud chega a estipular uma idade em que esse primeiro evento ocorre na criança, sendo entre um ano e meio e quatro anos na histeria, entre quatro e oito anos na neurose obsessiva e entre oito e catorze anos na paranoia.

Para Gondar (1995b), o *nachträglich* apresenta um importante paradoxo: o acontecimento que vem cronologicamente em segundo lugar não tem o efeito por si só de evocar o trauma. Tampouco tem esse poder o primeiro acontecimento traumático. Sua produção de efeito traumático só se dá na combinação entre os dois. E o efeito de combinação entre os dois não se refere à cronologia, passa por outro ponto de conjunção. O que existe é uma articulação lógica entre os dois acontecimentos que diz de causa e efeito. E a contribuição freudiana nos ensina que a delimitação da causa e do efeito só se dá *a posteriori*.

Retomando os primeiros desenvolvimentos freudianos sobre o tópico, o caso Elisabeth von R. evidencia como o afeto reprimido durante o cuidado do outro retorna sob a forma de sintomas corporais. Já o caso Emma, ilustra de modo paradigmático a teoria da sedução: uma lembrança de abuso infantil adquire sentido traumático somente após a puberdade, ao ser reativada por um evento posterior.

Vale salientar que esse é um esquema que visa simplificar a ação do *nachträglich*, mas temos que considerar outro relevante aspecto de funcionamento do inconsciente apontado por Freud: a sobredeterminação dos eventos. Ao aplicá-lo no *a posteriori*, constatamos que a relação de causa ou efeito não se limita a dois acontecimentos, em que podemos encontrar a origem de um trauma. Tendo em vista a sobredeterminação, multiplica-se a articulação entre as representações e se torna impossível achar a origem. Chegamos ao ponto estrutural, em que entendemos que o sexual é o traumático. Nesta perspectiva, não há uma origem específica para o trauma (GONDAR, 1995b).

Freud comunica o abandono da teoria da sedução em 21 de setembro de 1897, na Carta 69 a Fliess. No escrito, Freud confessa que a ideia já o rodeava há alguns meses, e sentencia: “não acredito mais em minha neurótica” (FREUD, 1996b, p. 265). Ele percebe que

não é possível que todos os pais – incluindo o seu próprio – sejam tão perversos quanto as lembranças revividas em análise mostram. Nessa acepção, haveria mais perversos no mundo do que histéricos. Freud constata que no inconsciente verdade e ficção se confundem, se misturam, por isso não necessariamente todas as lembranças traumáticas poderiam haver ocorrido na realidade.

O autor coloca seus próprios afetos em jogo: estava em bom estado emocional, não estava fraco, depressivo. Portanto, ele poderia considerar essa conclusão não como um fracasso, mas como um avanço na teoria psicanalítica, que a levaria a novos lugares. A partir daí, surge um giro em sua obra e ele passa a considerar o papel da fantasia na origem dos sintomas neuróticos. Apontamos a existência de duas correntes temporais: além da retroação, tem-se uma linha do tempo progressiva, que vai do passado em direção ao futuro, representada pela repetição da fantasia através dos acontecimentos contingentes na vida do indivíduo.

Mesmo com a virada teórica, o *a posteriori* permanece um conceito central na obra de Freud. Ele ressurge em História de uma neurose infantil (2010), estudo do caso do Homem dos Lobos, Sergei Konstantinovitch Pankejeff, um aristocrata russo que procura Freud aos dez anos para tratar fobias, pesadelos e sintomas depressivos. O tratamento se estende por vários anos, até que Freud opta por um encerramento. Após retornar à Rússia, Pankejeff perde tudo com a Revolução e volta a buscar ajuda, sendo então encaminhado a uma discípula de Freud. O nome do caso vem de um sonho angustiante que o paciente teve aos quatro anos, no qual via lobos uivando em uma noqueira através da janela de seu quarto. Freud interpreta os lobos como uma figura paterna ambivalente, que representa tanto a lei quanto a ameaça.

Ao longo do texto, Freud aborda temas fundamentais da psicanálise, como a fantasia originária, o trauma e as cenas primárias. O paciente teria presenciado a cena sexual dos pais com um ano e meio, mas só aos quatro anos — e posteriormente na análise, entre os 24 e 28 anos — foi capaz de dar sentido àquela vivência. Freud observa que, embora o relato pareça anacrônico, o analisando está apenas traduzindo, com palavras da vida adulta, vivências que só se tornaram compreensíveis com o passar do tempo. Trata-se, segundo ele, de um efeito típico do *nachträglich*: uma impressão precoce que só adquire sentido retrospectivamente, primeiro no sonho, depois na análise (FREUD, 2010).

Dessa forma, o caso permite identificar dois momentos distintos do *a posteriori*: o primeiro na revivência da cena traumática sob forma de sonho e sintomas fóbicos; o segundo

na elaboração analítica, que reconstitui essa experiência inicial. Tanto o sonho quanto a análise operam, portanto, como dispositivos de reconstrução psíquica retroativa (FREUD, 2010).

Em Construções na Análise (2018), Freud trata desta dimensão focando a clínica do analista. Para isso, ele recorre à bastante conhecida metáfora do arqueólogo. O ofício do analista se assemelha ao do arqueólogo, pois, enquanto um reconstrói terrenos antigos ou enterrados, o analista reergue lembranças a partir de fragmentos clínicos. O arqueólogo, contudo, não restaura o objeto em sua totalidade pois suas partes se perdem, são destruídas. O analista, por sua vez, pode recorrer às repetições que se operam em análise para – *a posteriori* – recuperar o que há de essencial ali.

No entanto, essa comparação só se sustenta ao constatarmos que enquanto a reconstrução é o objetivo do trabalho do arqueólogo, ela é apenas um trabalho preliminar para o analista. Não somente restauramos o que pode estar perdido, mas o que ocorre é a reconstrução, o rearranjo de todo o material. O analista coloca o paciente a trabalho para que ele possa “completar aquilo que foi esquecido a partir dos traços que deixou atrás de si ou, mais corretamente, construí-lo” (FREUD, 2018, p. 276). Na clínica com pacientes em fim de vida, por exemplo, alguma cena passada pode se reatualizar no presente ou algum ponto faltoso na história do sujeito pode surgir como demanda de análise, como algo que ele sempre quis saber, mas nunca conseguiu elaborar.

Na clínica, o *nachträglich* revela que é o presente que confere sentido ao passado, desestabilizando uma noção linear do tempo. Freud propõe uma temporalidade psíquica em que o passado é continuamente ressignificado à luz do que se atualiza no presente, sobretudo na transferência. Assim, o que importa na análise não é o fato passado em si, mas como ele é reconstruído subjetivamente. Situações-limite, como um diagnóstico terminal, podem reativar significantes antigos, demonstrando que o tempo do inconsciente é marcado pela transformação, e não pela cronologia.

O que vem após o corte: o *après-coup* lacaniano

O próprio conceito do *a posteriori*, assim como seu modo de funcionamento, foi desenvolvido também em dois tempos: primeiramente por Freud, e sessenta anos depois por Lacan, que retoma a noção com o nome adaptado ao francês, *après-coup*. “O tempo da teoria é como a própria noção, é o tempo de uma construção em dois episódios. Lacan exuma o que

ficou enterrado, esquecido, perdido ou passou despercebido neste intervalo” (ANDRÉ, 2008, p. 140).

A utilização do termo em francês é interessante porque aborda o fenômeno como algo fluido, não há um presente que modificará o passado de maneira fixa. Ele privilegia as escansões, a relação intrínseca que existe entre o que se entende por presente e por passado nesta relação, em que ocorre uma produção de uma história em movimento. O *après-coup* não é somente uma sucessão de etapas, ele condensa o passado e o presente. Ao se deparar com a pergunta: “O que causa o trauma, o presente ou o passado? ”, ele não a responde, mas a revoga.

A noção também traz à tona a dimensão do corte (*coup*), evidenciando que o *a posteriori* ocorre por meio de escansões, que modulam a fala, e que não dizem necessariamente de uma cronologia. As formações do inconsciente, que advém do inconsciente pulsante, não se dão com o objetivo de completar as lacunas mnêmicas cronologicamente. É por meio do corte, que traz consigo o trauma, o estranhamento e o constrangimento de quem fala é que o *après-coup* opera. É um trauma sofrido depois, como é possível observar nas análises dos casos de Emma e do Homem dos Lobos, por exemplo.

Ainda que o *après-coup* se relacione a um componente traumático, ele não se encaixa ao modelo de trauma em dois tempos, em que o evento traumático se encontra no passado do sujeito e há um segundo tempo que ocorre posteriormente. É sabido que esse modelo que visa simplificar o mecanismo do trauma nem sempre faz sentido, pois a “experiência analítica nos ensina pelo menos uma coisa: o infantil não tem idade e os golpes internos também não” (ANDRÉ, 2008, p. 154). Dizemos mais da dimensão estrutural do trauma na constituição subjetiva do que da construção de um modelo de trauma em dois tempos, ou como Freud realizou no início de sua obra, em um trauma conjugado com as etapas do desenvolvimento. Se pensarmos nos dois tempos do trauma, como a fórmula freudiana, não necessariamente o primeiro tempo ocorrerá na infância.

André (2008) aponta que falar de *après-coup* em Lacan não é apenas uma releitura da noção de ab-reação. A ab-reação é um conceito que Freud relaciona aos registros dinâmicos, econômicos e tópicos, o que não pode ser feito da mesma forma com o *a posteriori*. Para o autor, o *a posteriori* está relacionado majoritariamente à dimensão econômica, em outras palavras, está relacionado à quantidade. A ab-reação é uma descarga de afetos que responde à cronologia linear, à causalidade mais simplista que muitas vezes tenta-se impor ao *après-coup*. Contudo, como vem sendo discutido, este não se encaixa nessa lógica causal.

Foi com Lacan em *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (1998a), no início de sua obra, que a temporalidade presente em *nachträglich* foi difundida pelos psicanalistas pós-freudianos. Neste texto, o *après-coup* é tratado no contexto em que é articulado o significante com o tempo para compreender o sujeito, uma escansão presente no tempo lógico lacaniano. Lacan não apenas retorna a Freud, mas também demonstra as influências da fenomenologia, como Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty (ANDRÉ, 2008). Contudo, é possível perceber como neste momento privilegia a reintegração do passado do *a posteriori*. Há um maior foco na dimensão simbólica de reinscrição, em detrimento da dimensão imaginária e real que advém do trauma.

A operação pode ser entendida ao nível simbólico como a retroação de um significante sobre outro. Por exemplo, ao começar uma frase, só saberemos seu sentido ao terminá-la. O sentido se dá, portanto, *a posteriori*. Na representação gráfica do ponto de basta, é possível perceber como o vetor Δ - $\$$ incide retroativamente no vetor da cadeia significante S-S', estabelecendo um corte no deslizamento da cadeia significante e produzindo a divisão no sujeito entre o que foi dito e o dizer. A Figura 1 abaixo ilustra este funcionamento:

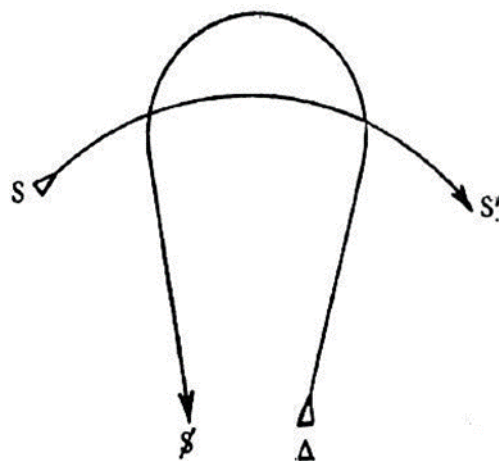


FIG 1 - Representação do ponto de basta
 Fonte: LACAN, 1998b, p. 819

Ao avançar na construção de um dos últimos textos freudianos, *Análise terminável e interminável* (LACAN, 1998a), Lacan aborda a questão da dificuldade de prever um fim para uma análise de antemão. Ele argumenta que não sabemos a princípio a verdade do sujeito para

fixarmos o final de análise. É possível perceber como o tempo, além de ser um dos objetos de estudos para a psicanálise enquanto se relaciona com a subjetividade, também demarca uma limitação para a análise. Cabe apontar que isso se articula para Lacan tanto em relação à duração de uma análise ao longo de várias sessões, como também à duração de cada sessão analítica.

Nessa acepção, a operação de ressignificação também porta uma limitação, há uma baliza do que pode ser remodelado. Esse limite tem ligação com a repetição e à pulsão de morte, que “exprime essencialmente o limite da função histórica do sujeito” (LACAN, 1998a, p. 319). O limite se refere à morte, mas não a morte entendida simplesmente como o fim do tempo de vida do indivíduo, tampouco a morte como a única certeza que todos teremos – todos e todas, sem exceção, a enfrentaremos eventualmente – mas sim, a partir da leitura de Heidegger, pelo que a morte traz consigo: a possibilidade mais única, mais incondicional e indeterminada de um sujeito. Esse limite se presentifica a todo momento, enquanto passado real, isto é, um passado que se revela articulado na repetição. Portanto, é um passado que é sempre presente pela repetição, pois ao manifestar-se nunca encontra a mesma coisa, é sempre um encontro distinto (LACAN, 1998a).

Deste modo, com Lacan, é reafirmado que o passado é pensado *a posteriori*, pois ele é trazido à tona quando é historicizado pelo tempo presente. É um passado que sem as remodelações feitas sob transferência nunca se tornará passado, será sempre presente, reverberando na vida do sujeito e buscando uma ressignificação. “A história não é o passado. A história e o passado na medida em que é historiado no presente - historiado no presente porque foi vivido no passado” (LACAN, 1983, p. 21).

Ao concretizar a ressignificação, o paciente pode verbalizar em análise ditos como “eu sempre soube disto”, “isto estava comigo o tempo todo”, no sentido de um saber atemporal (FERRARI, CALMON, TEIXEIRA, 2017). O efeito de verdade experienciado na retroação traz a sensação de um passado que é sempre presente, e que finalmente veio à tona, quando o que ocorreu realmente foi a construção de um saber no momento da análise, não a revelação de algo que estava oculto. Assim, o senso comum que se tem da psicanálise, de que ela descobre em algum lugar do passado todos os eventos traumáticos que explicariam o comportamento do sujeito não se sustenta pela via do *après-coup*. O que interessa são as remodelações realizadas durante o presente da análise sobre esse passado.

Há uma tensão constante e ambivalente em sua operação. O *après-coup* evidencia como a intensidade avassaladora do trauma pode precipitar em um sujeito, causando-lhe uma

série de afetos e atos. Ao mesmo tempo, ele traz a abertura ao novo. A noção mostra a força que uma reinscrição a partir da transferência pode oferecer. Não se trata de uma rememoração, simplesmente de uma hermenêutica ou de uma mera repetição do acontecimento traumático. A partir da extensão do trauma, há a abertura para novas significações e novos posicionamentos subjetivos. É após o corte traumático que existe a possibilidade de reinscrição. Para André (2008), esta “plasticidade” que ocorre no *après-coup* é tão importante que ele o coloca como diferencial da compulsão à repetição.

Lacan diferencia a rememoração da repetição, evidenciando a diferença causal entre os dois termos: tratar a rememoração pela repetição não é o mesmo que tratar a repetição pela rememoração, as duas não são comutativas. Para ele, isto comprova como o tempo em psicanálise se articula não pela cronologia, mas pela lógica, “a uma colocação do real em forma significante” (LACAN, 1985, p. 46). A rememoração por si só comporta vários limites, e Lacan dirige aos que se interessam por ela defendendo que há outros meios em que ela pode ser obtida de maneira mais completa que não seja uma análise. Os analistas, por outro lado, se interessam por outra coisa, não apenas a rememoração. O *après-coup* não se limita a isso, condensando o passado e o presente.

Portanto, o *après-coup* só opera quando em relação com o inconsciente, ele não é somente rememoração ou resignificação. Ele se atrela com uma temporalidade específica, a atemporalidade do inconsciente. Só assim poderemos estabelecer as bases para esta noção psicanalítica. Para que ela ocorra, é necessária a transferência, é necessário haver alguém – o analista – que escute a abertura do inconsciente e possibilite que o advento do acontecimento traumático se transforme, e não retorne à forma de recalque novamente.

Diante de um diagnóstico de doença terminal, por exemplo, diante da percepção da iminência da morte, importantes resignificações podem ocorrer. A morte aporta os dois elementos do *après-coup*: o aspecto de corte, de trauma e a possibilidade de criação do novo. Reconhecer que há pouco tempo de vida não se torna um impeditivo para mudanças, e sim um catalisador para que mudanças subjetivas sejam feitas, ou que eventos do passado sejam retomados sob uma nova perspectiva, como será tratado no fragmento clínico a seguir.

N. e o tempo de reinscrever o passado

Após as discussões teóricas sobre o funcionamento da retroação em Freud e Lacan, apresentamos agora um fragmento clínico que evidencia a operação da temporalidade na escuta analítica. Trata-se de N., uma mulher de 91 anos, viúva e com cinco filhas, internada em um hospital com quadro grave de pneumonia e insuficiência cardíaca. O pedido de atendimento partiu da família, preocupada com o fato de que N. expressava o desejo de morrer, afirmando que não queria mais viver. Ao longo de duas semanas, o analista a acompanhou diariamente, e o caso mostra como, diante da iminência da morte, significantes do passado podem ser retomados e ressignificados no campo da transferência.

Nos atendimentos hospitalares, a questão do tempo cronológico exige cálculos constantes do analista. Não sabemos quanto tempo a pessoa ficará internada, se ela será transferida, se terá alta ou, mais especificamente na clínica da terminalidade, se o paciente irá falecer. Deste modo, manejar a transferência se torna um tópico extremamente relevante.

No hospital, ela se dá de maneira distinta do setting tradicional da psicanálise. O analista é visto inicialmente como representante da instituição hospitalar. Ali, muitas vezes o paciente já tem de antemão alguma transferência estabelecida com a própria instituição hospitalar, seja ela positiva ou negativa (BATISTA; ROCHA, 2013). Se for positiva, por exemplo, acreditar que está em um hospital de qualidade, isto pode facilitar o estabelecimento da transferência. Se for negativa, se o paciente crer que o hospital é péssimo, que as pessoas vão ali para morrer, isso pode causar resistências iniciais.

Lacan trabalha a transferência notadamente no Seminário 8 e na Proposição de 9 de Outubro de 1967 (LACAN, 1992; 2003). Inicialmente, a transferência se refere a suposição do analisando de um objeto agalmático na pessoa do analista. Na relação transferencial, o analisando pensa que o analista tem um objeto precioso dentro de si, o agalma. Em 1967, é introduzido o conceito do sujeito suposto saber no manejo da transferência. O sujeito suposto saber é um fenômeno imaginário, sendo entendido por Lacan como o pivô da transferência, isto é, o que a sustenta.

Uma característica peculiar deste caso é que a paciente pensava que o analista era um padre, devido ao uniforme do hospital que era branco. Embora a paciente supusesse isso devido ao uniforme branco utilizado no hospital, essa confusão não foi corrigida explicitamente. Percebeu-se que tal suposição favorecia o engajamento transferencial e permitia maior liberdade de associação por parte da paciente.

Contudo, esse manejo requer uma reflexão ética cuidadosa. Em contextos institucionais, especialmente no hospital, o uso de elementos equívocos na transferência precisa ser sustentado com extrema responsabilidade. O analista não deve ocupar deliberadamente um lugar de saber ou autoridade religiosa, mas pode — sem confirmar nem desmentir — sustentar a suposição simbólica que o sujeito deposita, desde que isso favoreça sua escuta e não configure uma manipulação consciente ou invasiva.

A sustentação do equívoco, neste caso, não objetivava um efeito sugestivo, mas sim criar condições mínimas para que a escuta analítica pudesse operar no campo transferencial. Trata-se, portanto, de um uso ético do equívoco na transferência, onde o analista não responde como na posição de um suposto saber, mas se coloca como suporte para que o saber do sujeito emerja.

Por ela supor que o analista detinha o saber sobre seu *pathos*, esta posição foi utilizada para colocar a construção de seu próprio saber em evidência, ou seja, a dimensão do sujeito suposto ao saber. O manejo transferencial do analista não se refere a um saber prévio sobre quem se analisa, e sim a um fazer desejar que se saiba do lado do analisando. Ao pressupor um saber do analista anterior ao sujeito, desconsidera-se toda sua particularidade.

No âmbito hospitalar, é uma estratégia interessante para o analista utilizar em alguns momentos de seu próprio corpo para favorecer a transferência (MOURA, 2000). Ao acolher um familiar que acabou de receber a notícia de um óbito, por exemplo, abraçá-lo, acolhê-lo mais próximo fisicamente pode acarretar no estabelecimento de uma transferência de maneira mais rápida.

Em um dia, a família diz que não precisava atendê-la, pois ela estava bastante confusa e não conseguia conversar. Realmente, ela estava bastante debilitada, mas ao ver o analista ela estende a mão, coisa que sempre fazia quando via um padre. A relação de N. com sua religiosidade era bastante forte. As filhas relatam que a mãe passa os dias com o terço na mão rezando para morrer rapidamente. Para ela, seu tempo já havia acabado. O analista pontuava: “Sim, algum dia a morte vai chegar. Mas enquanto a gente não morre, a gente vive, não é mesmo? ”. Buscava com estas intervenções apontar que, mesmo que a morte esteja próxima, a vida ainda existe. Ainda há coisas que podem ser feitas, realizadas ou elaboradas.

Com a instauração deste novo tempo de compreender, um tempo para viver apesar da morte, novas questões surgiram. A questão principal foi sobre seu casamento findado há 30 anos. A operação de retroação ocorre, quando, a partir de um acontecimento (traumático) no

presente, aqui a iminência da morte, há uma reorganização de acontecimentos (também traumáticos) no passado. Condensa-se, dentro do campo da transferência, a partir de um efeito de corte, o passado e o presente, com a produção de novos sentidos.

N. inicia, então, a dizer e elaborar retroativamente este casamento. Relata que naquele momento percebia como o marido lhe fazia mal. Ele a traía abertamente nas ruas da cidade em que moravam, chegava a levar as amantes para casa, quando toda a família lá se encontrava. As filhas sabiam e acompanhavam toda a história. Não é surpresa quando ela relata que ele também a agredia física e psicologicamente. A situação ocorreu por um certo tempo até que N. não suportou mais e pediu o divórcio. Ela conta como foi malvista, uma mulher divorciada com cinco filhas em uma pequena cidade do interior nos anos 80.

Negro (2008), ao tratar das diferentes posições que o analista pode ocupar ao atuar na clínica da terminalidade, discorre sobre a função de *semblant* de historiador. Isso ocorre nas situações em que o paciente em sua associação livre começa a construir, a relatar sua história de vida, permitindo que muitas experiências sejam ressignificadas. Foi justamente o que ocorreu com N., que, a partir da intervenção do analista, reconstruiu uma importante parte de sua vida: seus anos de casada. Para Negro (2008), a posição do analista de *semblant* de historiador faz com que ocorra uma separação entre o eu, que está mortalmente angustiado e o sujeito do inconsciente.

A partir deste movimento retroativo, em que o passado é ressignificado, uma nova questão se instaura. O ex-esposo, um homem tido como mau-caráter, alguns anos depois do divórcio teve um ataque cardíaco fulminante e morreu rapidamente, sem sofrer. Por que então, ela, uma pessoa boa, que passou por muitas situações complicadas durante sua vida, estava ali, sofrendo também para morrer?

Moura (2000) nos diz desta situação em que o sujeito se depara com a iminência da morte. Ele se questiona: “Por que comigo?”. É uma pergunta que ao fundo traz o ensinamento freudiano de que a morte não se inscreve no inconsciente. Indagar-se “por que comigo” traz a suposição de que há alguém que não morre, alguém cuja existência a morte não incida. Nestas ocasiões, é importante que sustentemos estes questionamentos, sem respondê-los, pois sabemos que não há uma resposta definitiva para a morte.

A mesma questão passava na cabeça das filhas. Elas não entendiam o que ocorrera com cada um de seus pais: o homem que durante a vida foi mau, morreu de forma rápida, sem sentir muitas dores; e a mulher que sempre fora boa, estava morrendo com muito sofrimento.

Além disso, não era fácil para elas admitir abertamente que o pai tinha sido uma má pessoa. Como assinalado por Freud (2019), a relação sempre paradoxal do homem com a morte teve como consequência o sentimento de piedade para com os mortos. Em Totem e tabu, ele faz uso da famosa frase: “*de mortuis nil nisi bene*” (dos mortos não se fale, a não ser bem) (FREUD, 2012, p. 72).

N. se mantinha na posição de que queria morrer, que não aguentava mais a dor. No último atendimento com a paciente, ela segura a mão do analista e diz chorando “me ajuda, quero morrer”. Neste desamparo que persistia com a iminência da morte, o ponto mais recorrente a ser discutido foi o casamento fracassado. Mesmo trinta anos depois, ela ainda tinha dúvidas se tinha tomado uma boa decisão ao largar o marido e cuidar de sua família sozinha. Mesmo tendo se afastado do marido, continuou a sofrer nos anos seguintes, tanto da sociedade que a discriminou, quanto da filha que morava com ela, com quem tinha uma relação bastante conflituosa. Questionava-se também o que suas filhas achavam desta decisão. Todas lhe disseram que o que ela fez foi a decisão mais correta, que naquela época N. sofria muito, e passava por tudo isso calada.

Iniciaram-se os derradeiros momentos de despedida. Em seu discurso, N. sempre agradecia à família por cuidar tão bem dela. N. morreu em uma manhã enquanto cochilava após tomar o café da manhã. Após seu óbito, as filhas ali presentes foram acolhidas, que choravam muito, mas diziam que a mãe finalmente conseguiu descansar como queria.

A análise do caso de N. evidencia com nitidez como a retroação opera na clínica. Diante do impacto do real da morte — vivido como um corte iminente —, foi possível reinscrever simbolicamente uma parte fundamental de sua história: o casamento, o divórcio e a posição subjetiva diante desses eventos. O sofrimento presente provocou uma reorganização de vivências passadas, que passaram a fazer sentido sob uma nova perspectiva, no campo da transferência. O desejo de morrer, que inicialmente se apresentava como puro desamparo, passou a carregar também um pedido de elaboração. Assim, não se trata de rememorar simplesmente o passado, mas de construí-lo no presente, como um saber novo, efeito direto da operação retroativa.

Considerações Finais

Ainda que a temporalidade não se apresente como um conceito sistematizado na psicanálise, ela está no cerne da experiência analítica. O tempo do sujeito do inconsciente não obedece à cronologia linear, mas é tecido por cortes, retroações e ressignificações que articulam passado e presente em uma lógica própria.

Como discutido ao longo deste trabalho, Freud introduziu essa lógica ao observar, desde seus primeiros casos clínicos, que o trauma se constitui em dois tempos, e que o passado ganha sentido novo a partir de eventos posteriores. Lacan, ao retomar essa noção sob o termo *après-coup*, enfatiza o papel do corte e da escansão, revelando uma temporalidade descontínua que se dá no entre—entre o que foi e o que é dito, entre o vivido e o significante.

Esse modo de conceber o tempo não é apenas teórico: ele incide diretamente sobre a clínica. O caso de N. evidencia como experiências aparentemente distantes no tempo podem se reinscrever com força no presente da análise. Sob a transferência, e com a intervenção do analista, aquilo que parecia fixado no passado pode ser rearticulado, abrindo espaço para novos sentidos e novas posições subjetivas.

A operação do *après-coup*, portanto, mostra que o passado do sujeito não está dado, mas é sempre uma construção em movimento. E é nesse movimento que a psicanálise aposta: não na descoberta de um trauma perdido, mas na produção, no presente da análise, de uma nova história possível.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Jacques. O acontecimento e a temporalidade: o *après-coup* no tratamento. *Ide*, 31(47), 139-167, 2008.

BATISTA, Glauco; ROCHA, Guilherme. A presença do analista no Hospital Geral e o manejo da transferência em situação de urgência subjetiva. *Revista da SBPH*, 16(2), 25-41, 2003.

FERRARI, Ilka., CALMON, Angelina; TEIXEIRA, Antonio. Semiologia da temporalidade e espacialidade. In TEIXEIRA, A; CALDAS, H. (Orgs.): *Psicopatologia lacaniana I: semiologia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica. In: S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1990. (Trabalho original de 1895)

FREUD, Sigmund. Carta 52. FREUD, Sigmund, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. I (pp. 281-287). Rio de Janeiro: Imago, 1996a (Trabalho original de 1896)

FREUD, Sigmund. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess - Carta 69. In FREUD, Sigmund Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996b (Trabalho original de 1897)

FREUD, Sigmund. História de uma neurose infantil. In FREUD, Sigmund, Obras completas, Volume 14: ("O homem dos lobos"), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). São Paulo: Companhia das Letras, 2010 (Trabalho original de 1918[1914])

FREUD, Sigmund. Totem e tabu. In FREUD, Sigmund, Obras completas, volume 11: Totem e tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914). São Paulo: Companhia das Letras, 2012. (Trabalho original de 1913).

FREUD, Sigmund. Obras completas, volume 2: Estudos sobre a histeria (1893-1895) em coautoria com Josef Breuer. São Paulo: Companhia da Letras, 2016. (Trabalho original de 1893-95).

FREUD, Sigmund. Construções na análise. In FREUD, Sigmund Obras completas: Moisés e o monoteísmo, Compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939). São Paulo: Cia das Letras, 2018. (Trabalho original de 1937).

FREUD, Sigmund. O Infamiliar. In FREUD, Sigmund, O Infamiliar [Das Unheimliche] - Obras Incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. (Trabalho original de 1919).

GONDAR, Jô. Os tempos de Freud. Rio de Janeiro: Revinter, 1995a.

GONDAR, Jô. A multiplicidade de tempos na metapsicologia. In KATZ, C. S. (org).: Temporalidade e psicanálise. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995b.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983 (Trabalho original de 1953-54)

LACAN, Jacques. O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. (Trabalho original de 1964).

LACAN, Jacques. O Seminário, livro 8: a transferência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992 (Trabalho original de 1960-61)

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem. In LACAN, Jacques. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a. (Trabalho original de 1953).

LACAN, Jacques. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In LACAN, Jacques. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998b. (Trabalho original de 1960).

LACAN, Jacques. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In LACAN, Jacques., Outros escritos (pp. 249-264). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. (Trabalho originalmente de 1967).

LAPLANCHE, Jean.; PONTALIS, Jean-Bertrand. Vocabulário da Psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MOURA, Marisa. Decat de. Psicanálise e urgência subjetiva. In MOURA. M. D. (org): Psicanálise e hospital (pp. 3-15). Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

NEGRO, Marcelo. La otra muerte - Psicoanálisis y cuidados paliativos. Buenos Aires, Argentina: Letra Viva, 2008.